

## MIGRAÇÃO DE FEDERALISTAS E O ESPAÇO REGIONAL PLATINO DURANTE A REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1891-1896)

**Gustavo Figueira Andrade<sup>1</sup>**

Doutor em História

Professor da Escola Marista Santa Maria

figueirandrade@gmail.com

**Resumen:** El presente trabajo es un recorte de nuestra tesis doctoral, recientemente defendida en la Universidad Federal de Santa María, y tiene como objetivo analizar la migración de federalistas hacia el espacio regional platino durante la Revolución Federalista (1891-1896) En este sentido, buscaremos entender dicho fenómeno considerando la importancia de la sociabilidad rural y urbana en tanto recurso estratégico usado por los federalistas para migrar. Para ello, utilizaremos diarios, memorias y periódicos contemporáneos al conflicto. Adoptando una perspectiva de Historia Política, presentaremos las migraciones no solo como la búsqueda de supervivencia, sino como un fenómeno capaz de revelar un ethos regional que da cuenta de la cultura política de la época. Considerando lo anterior, vamos a demostrar que la forma en que se dio la migración de los federalistas posibilitó, a través de la movilización de sus redes de relaciones y recursos y de las solidaridades construidas, pensar una historia regional en el Cono-Sur más allá de los límites de las historias construidas por los Estados nacionales.

**Palabras clave:** Revolución Federalista, Región, Fronteras, Migraciones, Cono-Sur.

**Abstract:** The present work is an excerpt of our doctoral thesis, recently defended at the Federal University of Santa María, and aims to understand the migration of federalists during the Federalist Revolution (1891-1896) in the regional space of River Plate region as part of a historical context, economic, social and political used throughout the nineteenth century. In this sense, we will seek to understand how migrations occurred, the importance of rural and urban sociability as a strategic resource during the migration of federalists. For this, we will use diaries, memories and newspapers contemporary to the conflict, adopting a perspective of Political History, we will present migrations not only as a search for survival, but also capable of revealing a regional ethos and as a political, strategic act of resistance and combat, part of the political culture of the time. In this sense, we will show that the fact and the ways in which the migrations of the federalists took place make it possible, through the mobilization of their networks of relationships and resources by emigrant individuals, of built solidarities, to think a history of the Southern Cone beyond the borders and histories constructed by national states.

**Keywords:** Federalist Revolution, Region, Borders, Migrations, Southern Cone.

### Introdução

Com a Proclamação da República no Brasil, em novembro de 1889, ocorreu uma reorganização das forças políticas em diversos estados brasileiros. O governo provisório do Presidente Deodoro da Fonseca, que nas primeiras horas da República havia enviado o liberal Gaspar Silveira Martins para o exílio na Europa e destituído. Justo Rangel, então 1º Vice-Presidente da Província, nomeou seu antigo camarada de armas e veterano da Guerra do Paraguai, general José Antônio Correa da Câmara, Visconde de Pelotas para assumir o governo do agora estado do Rio Grande do Sul, tendo Júlio de Castilhos como secretário de governo.

A participação de Castilhos no governo foi marcada por medidas sectaristas, como por exemplo, mudanças nas regras eleitorais, intervenção nas câmaras municipais e deposição dos

---

<sup>1</sup> Professor Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

comandantes da Guarda Nacional, atitudes que mostravam indícios de como administraria o estado e de seus projetos autoritários de poder.

No âmbito político nacional, o ano de 1890 trouxe importantes ações no processo políticos na jovem República. Entre setembro a novembro foram realizadas eleições para a Assembleia Constituinte, a mesma que promulgou a Constituição Federal, em 1891, também elegeu, de forma indireta o Marechal de Exército, Deodoro da Fonseca, para Presidente da República.

Nestes primeiros anos após a Proclamação da República, marcados por instabilidade política e econômica, uma série de governadores nomeados por Deodoro da Fonseca assumiram o governo no Rio Grande do Sul. Dentre os personagens estavam em maior parte militares, seguido por civis, enquanto Castilhos seguia atuante ora no poder, ora nos bastidores, até que as eleições fossem realizadas nos primeiros meses de 1891. Esse ano também traria mudanças significativas para a política sul-rio-grandense. A Assembleia Constituinte estadual promulgou, em 14 de julho, uma nova Constituição, de inspiração Positivista, condensava as ideias defendidas por Júlio de Castilhos, uma vitória para o PRR que foi reforçada com a eleição deste para o governo do estado, neste mesmo período. Este contexto era o prelúdio do agravamento das tensões entre castilhistas e liberais e das migrações que viriam a acontecer.

O momento crucial que marcaria o acirramento dos ânimos e das perseguições foi o golpe perpetrado por Deodoro da Fonseca, em novembro de 1891. Nesse período em que existiam diversos projetos de poder e de Estado para o Brasil (CARVALHO, 1987), o medo da restauração, o autoritarismo do período conhecido no Brasil como “República da Espada”. Esse foi um período eivado de desentendimentos entre civis e militares, agravados pelo contexto de crise econômica, aspectos repercutiram na relação entre o Deodoro e o Congresso Nacional, tendo como ponto de inflexão o fechamento do Congresso, por ordem do presidente da República.

As reações foram contundentes contra fechamento do Congresso. A Armada, posicionou-se contrária às ações empreendidas por Deodoro, a ponto de bombardear a cidade do Rio de Janeiro, movimento que ficou conhecido como a Primeira Revolta da Armada (1891). O Exército e as forças políticas civis em diversos estados da federação não aceitaram pacificamente o que consideravam um atentado à Constituição.

No Rio Grande do Sul, enquanto o presidente do estado, Júlio de Castilhos, havia apoiado o golpe de Deodoro, as guarnições militares e comandantes das fronteiras, associados às lideranças políticas liberais e que se opunham à Castilhos, encontraram no ato do governador uma chance de depor seu governo. Mantendo uma situação política insustentável e sob a

iminência de uma guerra civil, sem condições de resistir pelas armas, Castilhos foi intimado a renunciar ao governo do estado por líderes da oposição que levantaram-se em armas em diversas partes do estado, especialmente nas fronteiras, dentre os quais estavam os Silva Tavares.

Esse movimento de reação ao golpe logrou êxito em depor Júlio de Castilhos e Deodoro da Fonseca, conhecido como Revolução de Novembro de 1891, marcou o começo da Revolução Federalista e traria um rearranjo do poder. Na capital federal, o vice-presidente, Marechal Floriano Peixoto assumia a Presidência da República, e no Rio Grande do Sul, uma junta de governo formada por líderes da oposição ao PRR, composta pelo general Manoel Luís da Rocha Osório, João de Barros Cassal e Joaquim Francisco de Assis Brasil, passou a governar o estado (ESCOBAR, 1983; MORITZ, 2005; FLORES, 1999; FRANCO, 2012)

Nesse período em que os opositoristas retornaram ao poder no Rio Grande do Sul, os castilhistas passaram a ser depostos, passaram a urdir planos de retornar ao poder e recolocar Castilhos na presidência do estado. As forças civis que ainda continuavam em armas, na metade sul do estado, temiam um contragolpe por parte dos castilhistas, passando a efetuar prisões e perseguições de líderes políticos ligados ao PRR, violência que foi narrada por Euclides Moura (2009). Diante de tal perseguição, muitos castilhistas emigraram para o Uruguai e Argentina, ocasião que organizaram reuniões em Santo Tomé e Monte Caseros, província argentina de Corrientes, de onde passaram armar forças e organizar a invasão do Rio Grande do Sul, enquanto movimentos armados de eram organizados por aqueles que permaneceram no estado (ANDRADE, 2021).

No entanto, o intento castilhista somente obteve êxito em junho de 1892, com a deposição do 1º vice-presidente do estado, general João Nunes da Silva Tavares, em Bagé, graças ao apoio de Floriano Peixoto e do comando do 6º Distrito Militar, comando militar abrangia todo o estado do Rio Grande do Sul. Com o regresso do PRR ao poder do estado, em Porto Alegre, à semelhança das violências contra os castilhistas, foi a vez do opositoristas federalistas sofrerem atentados e perseguição política.

Diante deste desolador cenário de violência que afligia a sociedade sul-rio-grandense, praticada por ambos os lados em contenda (PESAVENTO, 1983), relatam Moacyr Flores (1999), Ana Luiza Reckziegel (1999), Joseph Love (2006), que cerca de 10 mil pessoas migraram em direção ao Uruguai e Argentina, em busca de proteção.

Para tal, também procuraremos compreender as migrações a partir de uma perspectiva que não pode ser dissociada do contexto regional platino, palco das migrações dos federalistas no final do século XIX. Em um segundo momento procuraremos compreender quais eram as formas de migração empregada, os locais utilizados pelos federalistas e a importância que

tiveram dos espaços de sociabilidade para aproximação dos personagens e propiciar o estabelecimento de solidariedades.

### **O contexto regional platino e a migração como fenômeno fronteiriço**

Este era um contexto em que a economia mundial começava a dar sinais de melhora, após uma crise econômica entre 1873 a 1896 (HOBSBAWM, 1988; 2015). No Cone Sul, em um cenário de consolidação dos Estados nacionais, disputas que envolviam projetos de Estado, poder, de participação política e representatividade, de políticas econômicas que ocasionaram, em proporções distintas, crises no Brasil, Argentina e Uruguai (BARRÁN; NAHUM, 1971; ALONSO, 2000; COSTA, 2007; BARRÍA TRAVERSO, 2018).

Ao encontro dessa afirmação, o jornal *La Razon*, de Montevideú, publica, em novembro de 1894, uma notícia sob o título *Los Vecinos. Las Repúblicas de Chile y la República del Brasil*. De acordo com esse jornal, “podemos consolarnos de la ausencia de toda vida politica en nuestro pais, **contemplando la que palpita algo confusa y perturbada en los paises más vecinos de América: Brasil, Chile y Argentina**” (LA RAZON, 13/11/1894, p. 2).

De acordo a notícia apresentada acima pelo jornal uruguaio *La Razon*, o Chile, Argentina e Brasil estariam enfrentando um período revolucionário e, nesse sentido, procura evidenciar os aspectos que apresentam um contexto semelhante nesse espaço sul-americano. A partir dessa publicação que remete à existência de aspectos comuns nesse espaço, é possível pensar a existência de uma região histórica, a qual denominamos como revolucionária, conformada desde o final do século XVIII até o XIX (ANDRADE, 2021).

Em seu estudo sobre o espaço e sua representação anterior aos Estados nacionais, Valentina Ayrolo (2021) ressalta a importância de compreender “movimiento interno de los espacios y su articulación con el entorno” (p.234), bem como o aspecto relacional dos indivíduos que o habitam e da mobilidade das fronteiras para pensar uma história regional além daquela constituída pelos Estados<sup>2</sup>.

Ao encontro do que propõe Ayrolo (2021), com base na notícia apresentada acima pelo jornal *La Razon*, permite-nos pensar uma região histórica que foi constituída através das

---

<sup>2</sup> Para ver mais sobre regiões, ver: BANDIERI, Susana. La posibilidad operativa de la construcción histórica regional o cómo contribuir a una historia nacional más complejizada. In: FERNANDEZ, Sandra; DALLA CORTE, Gabriela (Comp.). **Lugares para la historia espacio, historia regional y historia local em los estudios contemporáneos**. Rosario, Argentina, 2001, p. 91-117.

VAN YOUNG, Eric. Haciendo Historia Regional: Consideraciones metodológicas y teóricas Región e historia en México (1700-1850). **Anuario del IEHS**, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, n.2, 1987, pp 255-281.

TARACENA ARRIOLA, Arturo. Propuesta de definición histórica para región. In: **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, n. 35, enero-junio 2008, p. 181-204.

vivências e atuações dos indivíduos nesse espaço dominado pelo Bioma Pampa, através do comércio, de uma matriz produtiva comum, dos conflitos e buscas por projetos alternativos de Estado e poder que estabeleceu ao longo do tempo uma identidade capaz de gerar solidariedade entre os habitantes desse espaço geográfico. Ou seja, um espaço pensado e construído a partir do espaço de experiência<sup>3</sup> e das relações sociais dos indivíduos, cujos limites e extensão são estabelecidos de acordo com os horizontes de expectativas<sup>4</sup> projetados a partir de seus interesses.

Trata-se de uma região com diversas características em comum: economia, política, cultura, sociedade e guerra, na qual os indivíduos compartilhavam de um universo de referências culturais. Tais características permitem pensar a existência de um espaço regional, com características, dinâmica e interesses peculiares de seus habitantes, ora podendo coincidir com os interesses do Estado, ora podendo contrapor-se, revelam uma lógica paralela à lógica das capitais, cuja conformação poderia se sobrepor à dos Estados constituídos (ANDRADE, 2021).

A existência de solidariedades entre os indivíduos desse espaço regional ao longo do século XIX já havia sido destacada para o período da Revolução Farroupilha (1835-1845), através de acordos entre lideranças Rio-grandenses, Correntinos, Uruguaios e Entrerrianos (GUAZZELLI, 2013) ou mesmo para o período da Guerra do Paraguai (1864-1870). No que tange a essa guerra, Luc Capdevila (2014) identificou brasileiros, argentinos e uruguaios que combateram ao lado de paraguaios, bem como de paraguaios ao lado de uruguaios, argentinos e brasileiros. Com isso, o autor afirma a existência de uma “fluidez das identidades” para o período, marcado pela porosidade das fronteiras, identificou uma solidariedade regional mais do que aos Estados nacionais, ainda em processo de consolidação.

No período da Revolução Federalista (1891-1896), também podem ser identificada a existência de uma solidariedade regional, contexto em que paralelamente ocorreram as Revoluções Radicais na Argentina, em 1893<sup>5</sup>. Ao encontro dessa afirmação estão as notícias do jornal *El Argentino*, afirmando que em agosto de 1893, 400 uruguaios do Partido Blanco<sup>6</sup> haviam cruzado a o rio Uruguai para juntar-se aos membros da União Cívica Radical, em Entre Rios (EL ARGENTINO, 05/08/1893, p.1). Da mesma forma essa solidariedade pode ser identificada com

---

<sup>3</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ, 2014.

<sup>4</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ, 2006.

<sup>5</sup> Sobre as Revoluções Radicais na Argentina, ver: ALONSO, Paula. **Entre la Revolución y Las Urnas**: Los Orígenes de la Unión Cívica Radical y la Política Argentina en Los Años Noventa Sudamericana; Universidad de San Andrés, 2000.

<sup>6</sup> Sobre os partidos uruguaios ver: Sobre os partidos políticos uruguaios, ver: DEVOTO, Juan. **Historia de los partidos políticos en Uruguay**. Montevideo: Camara dos Representantes, 1994. CAETANO, Gerardo (Dir./Coord). **Uruguay: reforma social y democracia de partidos 1880-1930**. Tomo II. Montevideo: Planeta, 2016.

a participação de federalistas Sul-rio-grandenses, emigrados na província de Corrientes, que combateram em apoio de Valentin Virasoro, governador daquela província, defendendo-o de uma tentativa de golpe perpetrada por forças do Partido Autonomista Nacional, apoiados por castilhistas rio-grandenses (ANDRADE, 2021).

A partir desses exemplos citados acima, é possível asseverar continuidades históricas acerca da existência de uma identidade regional, de sociabilidades guerreiras, construídas a partir da participação em conflitos, interesses em comum nesse espaço platino, o qual definimos como sendo uma região revolucionária que abrangeu o Rio Grande do Sul, as províncias do litoral argentino e a República Oriental do Uruguai (ANDRADE, 2021). Nesse espaço, era comum ao longo do século XIX, que indivíduos de nacionalidades distintas aderissem às forças em armas pertencentes à localidades distintas, fossem essas sul-rio-grandenses, argentinas, ou uruguaias.

As solidariedades existentes nesse espaço se estruturavam por diversos motivos, dentre as quais, citamos a necessidade de uma reciprocidade para com os chefes políticos ou militares do outro lado da fronteira, de quem poderiam depender em uma situação adversa, aspecto que também foi apontado por Reckziegel (1999) e por Costa (2013). Tais reciprocidades fronteiriças remetem às alianças construídas, os laços de amizade, familiares, a busca por sobrevivência, alimentos, botins de guerra, recursos financeiros, oportunidades, articulação ou estratégia política, ou mesmo por identificar-se com a causa daqueles a quem seguiam.

Isso implica reconhecer que a amplitude do espaço utilizado pelos federalistas durante a Revolução Federalista, para além das fronteiras nacionais e do qual detinham profundo conhecimento, foi mobilizado e articulado a partir de suas redes familiares, de amizade, compadrio, clientelísticas, econômicas e políticas. Era um espaço territorializado<sup>7</sup> pelos personagens fronteiriços, graças a um espaço de experiência, previamente constituído ao longo do século XIX, mobilizaram homens e recursos de acordo com seus interesses durante o conflito, no qual articularam estratégias de poder que nem sempre condiziam com aqueles pensados pelos centros de poder nacionais, mas que tem na fronteira e em suas localidades o centro da ação política.

Ao longo do século XIX foi comum a prática de migração de políticos estrangeiros pelas capitais do Uruguai e da Argentina. Segundo Mario Etchechury Barrera (2017; 2019) esse

---

<sup>7</sup> Marcelo Lopes de Souza (1995) defende que esse conceito deve ser dissociado de uma concepção somente associada ao Estado, de modo que o território pode ser entendido como um espaço construído pela ação humana, constituído através das relações de poder, podendo obedecer a temporalidades distintas. Ainda para este autor, o território constitui-se enquanto elemento fundamental para o exercício do poder, capaz de gerar solidariedades, identidades e, ao apropriar-se deste território e conferir sentido a ele, ocorre a territorialização deste espaço pelos indivíduos.

processo propiciou um aprofundamento das relações e estabelecimento de solidariedades entre personagens pertencentes ao espaço regional na bacia do Prata.

Ainda para Etchechury Barrera (2017; 2019), migrar pode ser entendida a partir da cultura política do período, parte de uma conjuntura política que faz parte da formação e consolidação dos Estados Nacionais, em que os conflitos favoreceram as migrações.

Nesse sentido, as migrações teriam sido facilitadas pelo fato de que as fronteiras ainda não estavam totalmente consolidadas e as nacionalidades estarem em formação, propiciou que os emigrados simpatizassem e se solidarizassem com as reivindicações políticas dos países onde estavam exilados (ETCHECHURY BARRERA, 2019). A partir dos argumentos apresentados por Etchechury Barrera (2017; 2019), para pensar a segunda metade do século XIX, afirmamos que essa mesma lógica esteve presente durante o período da Revolução Federalista (1891-1896), fez parte de um universo de referências culturais dos indivíduos que habitavam esse espaço e pode ser usada para pensar as emigrações de argentinos, chilenos e uruguaios no Cone Sul, no final do referido século (ANDRADE, 2021).

A migração em meio a conflitos pode ser concebida como um fenômeno fronteiriço ao longo do século XIX. Tal fenômeno pode ser percebido na fronteira da Argentina com o Chile, conforme apresenta Edward Blumenthal (2013). Para este autor, o estudo de casos locais pode revelar fenômenos globais mais amplos que envolveram processos de conformação dos Estados nacionais, com fronteiras e identidades ainda em definição. Tais aspectos pode ser percebido através do estudo de caso de emigrados argentinos na cidade chilena de Copiapó, estudo em que Blumenthal (2013) revela a participação destes em milícias chilenas ou financiando o conflito naquele país com recursos, permite perceber a importância dos fluxos de populações de um lado a outro das fronteiras argentinas e chilenas, o quanto as ações políticas impactavam políticas e conflitos em ambos os países.

O mesmo fenômeno de migrações fronteiriças durante conflitos, no final do século XIX, pode ser observada através da trajetória de diversos indivíduos em localidades e momentos distintos. Em relação à fronteira do Paraguai com a província argentina de Corrientes, Maria del Mar Solís Carnicer (2005) destaca o caso do autonomista Juan Ramon Vidal, em meios aos embates com radicais correntinos, cruzou a fronteira em busca de abrigo, em 1893, deixando o caminho livre para os radicais tomarem o poder em Corrientes.

Ainda em Corrientes, o mesmo pode ser observado em relação à fronteira com o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, através da trajetória de Angel Blanco, liderança política radical argentina que refugiou-se com sua família em São Borja, durante as Revoluções Radicais em Corrientes. A partir de seu abrigo no Brasil, Blanco circulou pelo Rio Grande do Sul,

mobilizou suas redes regionais e organizou resistência e contando com apoio de brasileiros em suas forças, empreendendo ataques contra a província correntina (HERRERA, 1930; ANDRADE, 2021).

Outro exemplo pode ser observado durante as Rebeliões Jordanistas (1870-1876), através de diversas campanhas empreendidas pelo político e militar Ricardo López Jordán em Entre Ríos e Corrientes. Esse personagem possuía propriedades no Uruguai e Argentina, contava com ampla rede de relações pelo espaço regional platino que foi mobilizada ao longo de sua trajetória e nos conflitos que participou. A mobilização suas redes transnacionais durante as rebeliões e o período em que esteve emigrado pode ser percebida tanto na circulação pelo espaço regional, chegando a estar emigrado no Uruguai e na cidade brasileira de Santana do Livramento, quanto na própria constituição de suas forças, compostas por entrerrianos, brasileiros, uruguaios, paraguaios e de argentinos outras províncias argentinas (DUARTE, 1998; SALDUNA, 2005; ANDRADE, 2021).

No que tange a migração dos federalistas Sul-Rio-grandenses para localidades distintas no Uruguai e Argentina, esta foi favorecida pela forte presença de brasileiros que residiam ou tinham propriedades do outro lado da fronteira. Através dos censos argentinos é possível perceber que o número de brasileiros residentes nos departamentos correntinos de Mercedes, Monte Caseros, Paso de los Libres, Santo Tomé e La Cruz, limítrofes ao Brasil, haviam praticamente dobrado entre 1869 e 1895<sup>8</sup>. Na Província de Entre Ríos a presença de brasileiros para o mesmo período pode ser percebida através do aumento da população de brasileiros, menor se comparada à Corrientes, mais ainda sim relevante, especificamente nos departamentos de Concórdia, Federación, San José de Feliciano, Villaguay e Colón, localizados na costa do rio Uruguai, fronteiriços com a República do Uruguai<sup>9</sup> (ANDRADE, 2021).

No Uruguai, a existência de brasileiros no interior do país também era significativa no período da Revolução Federalista, não apenas no Norte e Nordeste daquele país, mas também no Litoral e Centro, especificamente devido à quantidade de capital brasileiro investida em Artigas, Rivera, Salto e Cerro Largo (ROUSTAN, 1896; ANDRADE, 2021).

---

<sup>8</sup> ARGENTINA, Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Corrientes - Americanos, tabla 3. Primeiro Censo de la Republica Argentina de 1869. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, 1872, p. 196-197.

ARGENTINA, Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Corrientes - Americanos, tabla VIIa. Segundo Censo de la Republica Argentina de 1895. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, Taller Tipografico de la Penitenciaría Nacional, 1898, p. 239.

<sup>9</sup> ARGENTINA, Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Entre Ríos - Americanos, tabla 3. Primeiro Censo de la Republica Argentina de 1869, Tomo I. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, 1872, p. 125-152. ARGENTINA, Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Entre Ríos - Americanos, Tomo II, tabla VIIa. Segundo Censo de la Republica Argentina de 1895. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Taller tipográfico de la penitenciaría nacional, 1898, p. 201.



A presença de brasileiros residentes ou com propriedades nesse espaço e a circulação de pessoas e recursos é fundamental para entender a extensão da Revolução Federalista e a migração empreendida pelos federalistas durante o conflito. Com isso, queremos dizer que esta não era uma região interligada somente pelo comércio, sociabilidades guerreiras, produtivas<sup>10</sup> ligadas ao mundo da pecuária, mas também um espaço perpassado por complexas teias de relações familiares<sup>11</sup> que, desde o século XVIII, se estendiam por esse espaço regional platino, conforme demonstramos em nossa tese de doutorado.

Essas complexas redes de relações familiares consanguíneas ou extensas interligavam os indivíduos pertencentes a esse espaço, através das quais circulavam informações, recursos, indivíduos, foram ativadas e mobilizadas pelos federalistas durante o período da Revolução Federalista para sustentar o conflito e para refugiar-se com suas famílias (ANDRADE, 2021).

A partir desses aspectos citados acima que permitem compreender a existência de uma região construída a partir do aspecto relacional dos indivíduos, em que as solidariedades fronteiriças são embasadas em relações familiares, políticas, econômicas e militares, a migração dos federalistas constituiu um recurso estratégico. Para que pudessem emigrar e transitar nesse espaço, reunir homens e suprimentos bélicos e logísticos, os federalistas contavam com uma estrutura preexistente e que foi ativada e convertida para atender os objetivos durante o conflito. A partir da compreensão dessas estruturas, conforme iremos apresentar a seguir, através da atuação dos emigrados em espaços rurais e urbanos, revelaremos os meios utilizados para circular pelo espaço regional, os espaços e os bastidores onde as solidariedades foram sendo tecidas, de fazer política e a guerra no espaço platino.

### **Os espaços de sociabilidades rurais e urbanos como recurso estratégico para os federalistas emigrados.**

A prática de migrar durante conflitos pode ser entendida como parte de um contexto mais amplo de formação e consolidação dos Estados nacionais durante o século XIX, no Prata, conforme afirmou Mario Etchechury Barrera (2017;2019). Ao chegarem aos países para onde

---

<sup>10</sup> DJENDEREDJIAN, Julio Cezar. Producción agrária y sociedade desde Corrientes y Entre Rio a Rio Grande do Sul, fines del siglo XVIII y cominezos del XIX: algunas reflexiones comparativas. In: HEINZ, Flávio; HERRLEIN JR, Ronaldo (Org.). **Histórias regionais do Cone-Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 71-102.  
SCHMIT, Roberto. **Ruina y resurrección em tempos de guerra: sociedade, economia y poder en el Oriente Entre Riano Posrevolucionario, 1810-1852**. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2004.

<sup>11</sup> BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natália. **Esclavitud y Trabajo**. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya 1835-1855. Montevideo: Mastergraf, 2009.

PALERMO, Eduardo R. **Terra brasiliensis. La región histórica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX, 1850-1900**. Porto Alegre: FCM, 2019.

ANDRADE, Gustavo. **Fronteira e territorialização: uma cartografia da Revolução Federalista (1891-1896) a partir das redes de relações de poder da família Silva Tavares na região platina**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

migravam, precisariam construir ou inserir-se em redes de indivíduos que pudessem obter proteção, apoio e divulgar suas ideias.

Nesse sentido os espaços de sociabilidade foram locais privilegiados para que esses personagens pudessem inserir-se na sociedade em que estavam. Para Maurice Agulhon (2009) os espaços de sociabilidades formais e informais passaram por transformações ao longo dos séculos XVIII e XIX, tornaram-se locais de reunião ou de negócios, e poderiam ser clubes, cafés, restaurantes, hotéis, teatros, dentre outros locais que permitiam a inserção de indivíduos em locais públicos e nos privados, aos quais poderiam associar-se. Para Pilar González Bernaldo (2004), através das sociabilidades associativas os indivíduos poderiam estabelecer relações com outros sujeitos, tecer relações, construir solidariedades, confiança, gozar de boa reputação e prestígio. Esse seria o cenário ideal no qual os federalistas e suas famílias poderiam circular, conceder entrevistas para a imprensa estrangeira, conforme é possível identificar nos periódicos contemporâneos a revolução, encontros com políticos e apoiadores.

É preciso destacar que o ato de migrar temporariamente para outro país antes dos conflitos foi largamente empregado no espaço platino, conforme afirmamos anteriormente, constituindo um recurso estratégico empregado em decorrência da forma de combate que seria empregada contra forças governistas com maiores recursos (FRADKIN, 2010). Pode ser entendida como parte da cultura política<sup>12</sup> do período, para refugiar-se ou organizar resistência política ou armada contra as forças que causaram seu exílio, não foi uma atitude exclusiva dos federalistas, uma vez que, conforme destacamos anteriormente, também foi um recurso utilizado pelos castilhistas após a deposição de Júlio de Castilhos, em 1891.

No caso dos federalistas Sul-rio-grandenses, migrar representava uma lógica de pensar o espaço e valer-se das jurisdições nacionais diferentes dos países em que se refugiavam, de onde organizariam resistência e realizar incursões sobre o território vizinho. Do exílio, valeram-se do indispensável acesso aos portos de Montevideú e Buenos Aires, La Plata mas também aos portos fluviais de Rosário, Concepción del Uruguay ou de Concórdia, na Argentina, e de Salto, no Uruguai, para obter recursos bélicos indispensáveis para sustentar o conflito, conforme pudemos demonstrar em nossa tese (ANDRADE, 2021).

Não raro, os federalistas contavam com o apoio de grupos de comerciantes, proprietários rurais brasileiros e outras nacionalidades, além de autoridades políticas locais, com quem se identificavam e de quem recebiam apoio velado (ANDRADE, 2021). Esse apoio envolvia

---

<sup>12</sup> Para René Rémond (2003) cultura política pode ser entendida como sendo “a singularidade do comportamento de um povo”, ou seja, um “poderoso revelador do ethos de uma nação e do gênio de um povo” (1996, p. 450).

interesses econômicos e políticos, de deveres de reciprocidades fronteiriças, compartilhavam de um *ethos*, e uma lógica pensar o espaço e de combater no Prata

Ao migrar para outro país, os federalistas precisavam de locais para reunir homens e recursos, além de organizar bases de apoio logístico para que pudessem esconder suprimentos ou mesmo invernar gado e recuperar os cavalos, entendidos nesse contexto como recurso de guerra (ANDRADE, 2021).

Para a finalidade de migrar, as localidades preferidas pelos federalistas eram as propriedades rurais de seus correligionários e apoiadores. Ao encontro dessa afirmação, o jornal argentino *El Diálogo*, de Buenos Aires, publicava em suas páginas que muitos federalistas abrigavam-se em estâncias e chácaras na região de Cuaró, departamento uruguaio de Artigas (EL DIARIO, 26/01/1895, p.1). A exemplo dessa afirmação, citamos o fato de que nas propriedades de Antônio de Mattos Neto, primo de Antônio Barbosa Neto, ambos federalistas e sobrinhos do general Antônio de Souza Neto<sup>13</sup>, juntamente na estância de outro personagem de sobrenome Paiva, localizadas em Cuaró, estavam acampados cerca de 400 federalistas (EL DIARIO, 26/01/1895, p.1).

Essa era uma região de muitas propriedades rurais brasileiras, em ricas pradarias com larga produção pecuária e ovina, irrigadas pelos arroios Cuaró Grande e o Tres Cruces Grande, pela qual passava a estrada de ferro, telégrafo, considerável volume de cargas de produtos e casas comerciais, eram importante ponto de ligação com o porto de Salto e as províncias do litoral argentino (ROUSTAN, 1895; MORAES, 2008).

A importância estratégica dessas propriedades estava justamente na forma de combate empregada pelos federalistas, uma guerra de recursos, em que forças menores e com menos recursos enfrentavam forças maiores e melhor equipadas (FRADKIN, 2010). De acordo com Raul Fradkin (2010), ao estudar as formas de fazer a guerra no Prata, a guerra de recursos requeria manter uma boa relação com as populações rurais, pois estava associada ao sistema logístico do período, uma vez que o abastecimento das forças precisava estar perto das zonas de abastecimento, ou seja, das propriedades rurais.

No período da Revolução Federalista, os revolucionários sul-rio-grandenses tiveram dificuldades de tomar e manter cidades ao longo do conflito e, tratando-se de uma sociedade rural, o que tornava as propriedades rurais a melhor saída para a forma de combater empregada (TAVARES, 2004b; ANDRADE, 2021).

---

<sup>13</sup> FAMILY SEARCH, Genealogia de Antônio de Souza Neto. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:XJ38-R2Z> Acesso em: 05/05/2022.

A partir dessa lógica é possível compreender porque a maior parte dos combates federalistas esteve próxima à zona de fronteira, precisamente pelo fato de que era nas propriedades rurais que estava sua base de apoio logístico das quais não poderiam se afastar.

Tratava-se de uma logística improvisada e que não era a ideal, mas a possível. Seus suprimentos eram transportados em carroças e não poderiam formar grandes comboios, o que os tornaria lentos e capazes de serem abatidos facilmente por forças governistas de maior número. Dessa forma, transportavam o necessário, o que possuíam, muitas vezes tendo que tomar recursos do inimigo durante os combates para subsistir, portanto, seria nas propriedades rurais que encontrariam abrigo para suas famílias, ponto de reencontro e acampamento para suas forças, engorda de bois e cavalos e esconderijo de armas e munições (ANDRADE, 2021).

Ainda em Artigas, é possível perceber que os federalistas também se utilizavam do relevo para abrigar-se. Nesse sentido o jornal *El Diálogo* afirmava através de suas notícias, que muitos brasileiros escondiam-se em grutas (EL DIARIO, 18/01/1895, p.1), em uma estratégia que buscava dissimular-se no terreno, aproveitando as formações naturais para esconder, a si ou seus suprimentos, da vigilância de autoridades brasileiras ou uruguaias nas propriedades rurais nas quais acampavam.

Outra localidade utilizada pelos federalistas eram as ilhas situadas no rio Uruguai, entre a província argentina de Corrientes e o Rio Grande do Sul. Estes eram espaços, ofereciam verdadeiros retratos da interação regional, pois eram habitadas por brasileiros, argentinos e uruguaios<sup>14</sup>, eram utilizados pelos federalistas para refugiar-se e esconder armamentos (ANDRADE, 2021).

Ainda sobre a utilização das ilhas, os diários do general Tavares e do Dr. Francisco Tavares referem-se à chamada ilha de São Luís, situada no arroio São Luís, fronteira entre Bagé e o departamento uruguaio de Rivera. Era um dos locais escolhidos na fronteira onde as forças federalistas escondiam suprimentos e refugiavam-se (TAVARES, 2004a; TAVARES, 2004b). A escolha dessa localidade não teria sido por acaso, principalmente por estar nos campos de propriedade do federalista João Anacleto Gularte, junto à linha divisória, poderiam passar suprimentos de um lado a outro facilmente, escapando das forças governistas, conforme poderemos ver na figura abaixo (ANDRADE, 2021).

---

<sup>14</sup> ARGENTINA, *Populación Rural y Urbana. Territorio e Provincia de Corrientes – População fluvial La Cruz. Segundo Censo de la Republica Argentina de 1895. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Taller tipográfico de la penitenciaría nacional. Tomo 85, Folio 1016A-1016B, 1898.*



consulado brasileiro em La Cruz, ao governo argentino, de que os brasileiros estariam escondidos em propriedades rurais na costa do rio Uruguai, em Corrientes. Diante dessas acusações, o governo correntino empreendeu investigações no sentido de refutar ou esquivar-se das reclamações das autoridades brasileiras de que encobria as ações dos federalistas. No documento, de acusação, o consulado brasileiro afirmava que poucos meses atrás, soubera de um número de cerca de **quatrocentos brasileiros emigrados, acampados nas chácaras** e que eles estariam organizados e comandados por antigos oficiais da marinha brasileira<sup>15</sup>, em clara referência às forças comandadas pelo almirante Luís Felipe Saldanha da Gama.

Conforme pudemos ver no parágrafo acima, não foi apenas em grandes propriedades que os federalistas se refugiavam. A busca por arrendar pequenas propriedades em outro país, em zona fronteiriça contígua ao Brasil, também foi uma saída adotada pelo general Tavares. Em agosto de 1894, este havia ordenado a Pedro, seu filho, que arrendasse uma pequena fração de campo no Uruguai, para poder proteger sua família das perseguições e tratar dos problemas de saúde que acometiam Joca Tavares, motivo pelo qual passou o comando das forças federalistas ao general Gumercindo Saraiva (ANDRADE, 2017).

Ainda no que se refere à utilização de pequenas propriedades pelos emigrados, possivelmente com poucas condições financeiras, o federalista Ângelo Dourado (1992) refere-se à famílias de emigrados que habitavam pequenos ranchos próximos à fronteira e dedicavam-se a plantações de subsistência.

Como é possível perceber, esse não era apenas um costume dos emigrados federalistas, mas sim parte de um *ethos* platino presente no universo de referências culturais das revoluções ocorridas ao longo do século XIX. Tratava-se de uma sociedade eminentemente rural e, nesse sentido, as estâncias e vilas e cidades foram locais privilegiados para migração de federalistas por se tratar de pontos de apoio logístico às forças federalistas, mas também uma possibilidade de despistar as autoridades. Nesse sentido, poderiam justificar às autoridades brasileiras que os homens que ali se encontravam seriam apenas cidadãos brasileiros fugidos da violência em curso no Rio Grande do Sul ou mesmo trabalhadores rurais. Com isso, é possível afirmar que essas propriedades constituíam um aspecto estratégico para a guerra de recursos empreendida pelos federalistas.

No que diz respeito as migrações para os espaços urbanos, em direção às cidades, vilas e povoados, foi considerável durante o período da revolução. Este foi o caso das migrações de

---

<sup>15</sup> ARGENTINA, Carta do Vice Consul do Brasil em La Cruz, enviada ao comissionado correntino Feliciano Duarte. Archivo Histórico de Cancillería Argentina. Legaciones y Consulados de America – Brasil, Bolivia, Colombia. Caja n.558, Bis, Legação Brasil, 13/12/1894.

federalistas para Salto, às margens do rio Uruguai e fronteira com a província argentina de Entre Rios, contava com importante porto fluvial e considerável presença proprietários rurais e comerciantes brasileiros (ROUSTAN, 1895). As correspondências dos Silva Tavares permitem identificar que as famílias federalistas do Dr. Francisco da Silva Tavares e José Facundo haviam migrado para essa localidade durante o conflito, enquanto outros para Fraile Muerto, Melo, Minas de Corrales, nos departamentos de Cerro Largo e Rivera (ANDRADE, 2021).

Ana Luiza Reckziegel (2007) refere-se ao fato de que a residência de Gaspar Silveira Martins, em Melo, departamento uruguaio de Cerro Largo, teria sido importante ponto de reunião para os federalistas que estavam emigrados naquele departamento.

Da mesma forma as capitais do Uruguai e Argentina foram locais privilegiados de migração de importantes lideranças federalistas, dentre elas Gaspar Silveira Martins e outros próceres, fato que foi recentemente estudado por Monica Rossato (2020), formavam colônias de emigrados brasileiros.

Nessas capitais, os espaços de sociabilidade urbanos foram importantes para pensar a atuação política dos personagens, locais em que poderiam conviver com outros emigrados políticos, fazer reuniões, conviver com outros emigrados, divulgar suas ideias, propiciavam a formação de solidariedades.

Em 1893, as capitais do Uruguai e Argentina estavam movimentadas com a presença de diferentes grupos de brasileiros opositores aos governos do Presidente da República, Floriano Peixoto, e do governador do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. Dentre estes, estavam Gaspar Silveira Martins, Rui Barbosa, João de Barros Cassal (Cassalita), as lideranças ligadas à Revolta da Armada, tais como Eduardo Wandenkolk e Custódio de, além de antigas lideranças monarquistas, indivíduos e famílias que fugiam da violência em busca de proteção e conforto de uma capital, mas também de espaços privilegiados para articulação política.

Dentre o grupo dos estrangeiros emigrados em Buenos Aires, nesse contexto, citamos a presença de chilenos<sup>16</sup> que haviam sido partidários do presidente chileno deposto, em 1891, José Manuel Balmaceda<sup>17</sup>, que haviam emigrado em busca de refúgio após a derrocada deste governo (EL DIARIO, 23/02/1894, p. 1).

---

<sup>16</sup> Para ver mais sobre esse assunto, ver: VALENZUELA, Carolina Matos. Exilio y Asilo en la Argentina durante la Revolución Chilena de 1891. **Ecos de la Historia**. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani. Año 2 n.1, Abr.-Jun., 2010, p. 2-4.

<sup>17</sup> José Manuel Emiliano Balmaceda Fernández, filiado ao Partido Liberal no Chile, havia sido Presidente da República entre 1886 a 1891, no qual ocorreram disputas com o Poder Legislativo chileno em torno de questões orçamentárias, que por sua vez tentou derrubá-lo do poder. Em resposta a esse ato do Legislativo, Balmaceda dissolveu o Congresso, desencadeando uma série de conflitos que resultaram na Guerra Civil em 1891, da qual saiu derrotado, buscou asilo na embaixada argentina, em Santiago em 1891, suicidando-se pouco tempo depois. Acerca da revolução ocorrida no Chile nesse período e sobre suas consequências, ver: CHILE, Período 1833-1891 - Historia

As solidariedades entre os chilenos e federalistas emigrados nas capitais do Uruguai e Argentina pode ter envolvido um possível financiamento de emigrados chilenos aos federalistas. Esse aspecto é percebido na correspondência enviada por José Ignacio do Amaral ao general Tavares, em junho de 1895, na qual assevera estar enviando uma quantia de 10 condores ouro, moeda chilena, para ajudar nas despesas do hospital organizado pelos federalistas, localizado na fronteira com entre o Uruguai e o Brasil, onde seriam tratados os feridos em combate (ANDRADE, 2021).

Ainda no que se refere às relações entre os emigrados e o envolvimento de chilenos ao lado dos federalistas, o jornal *El Diario*, de Buenos Aires, veiculava uma notícia, segundo a qual, estariam capitães, médicos, dentre outros indivíduos que haviam aderido à revolução e estavam na fronteira entre o Brasil e o Uruguai (EL DIARIO, 09/10/1893, p.1).

Existiam também políticos uruguaios exilados, membros do Partido Nacional e que haviam participado de revoluções no Uruguai ou eram opositores ao governo de Júlio Herrera y Obes, como foi o caso de Eduardo Acevedo Dias, emigrado em La Plata, que mantinha relações com opositores radicais argentinos (EL DIARIO, 19/02/1893, p.1).

Em Montevidéu, além da presença de brasileiros e chilenos, também estavam grupos de argentinos exilados, pertencentes à União Cívica Radical e União Cívica Nacional, segmentos opositores ao governo do Partido Autonomista Nacional (LA RAZON, 07/10/1893, p.1; ALONSO, 2000; LUNA, 2012).

Estes grupos exilados contavam com solidariedades não apenas das populações locais, mas também daqueles que se encontravam na mesma situação. É nesse ponto que destacamos a importância dos hotéis, com suas áreas comuns, cafés, bares e restaurantes, como espaços em que circulavam políticos, civis e militares, mas também comerciantes, viajantes e estrangeiros e espiões (EL DIARIO, 19/04/1894, p. 1; EL DIARIO, 23/03/1894, p.1).

O jornal *El Argentino* de 15 de dezembro de 1893 publica uma notícia através da qual descreve que o argentino Bernardo de Irigoyen, durante seu exílio em Montevidéu, realizou um banquete no Hotel Paris, para comemoração de seu aniversário. Meses depois desse evento, em maio de 1894, no mesmo Hotel, em Montevidéu, estiveram presentes seus amigos, outros emigrados argentinos e civis orientais, ocasião em que aproveitariam planejar a comemoração do aniversário de independência argentina (ANDRADE, 2021).



Neste mesmo Hotel Paris, em maio de 1894, período desta festividade, estava hospedado o federalista Estácio Azambuja. Por se tratar este trabalho de uma análise política, não nos permite pensar que nesses espaços de sociabilidades, as coincidências e proximidades, além do convívio com estes emigrados argentinos, não os tivesse aproximado ou ignorado tal proximidade entre revolucionários emigrados. Reforçando tal afirmação, também foi nesse Hotel que, anteriormente, esteve hospedado o chefe político dos federalistas Gaspar Silveira Martins, onde inclusive concedeu entrevista ao jornal *La Prensa*, de Montevideú, falando acerca dos acontecimentos no Rio Grande do Sul (ANDRADE, 2021).

A Maçonaria é outro exemplo de espaço de sociabilidade para pensar a circulação e atuação dos emigrados políticos suas ideias, aspecto para o qual Maria Medianeira Padoin (1999) chamou atenção através de seus estudos sobre o período da Revolução Farroupilha (1835-1845).

A importância de espaços que em que os emigrados pudessem divulgar livremente seus ideias e discursar em busca de apoio, como o caso da Maçonaria, no quais poderiam, segundo Eliane Colussi (2003), desfrutar de lazer e convivência, além da proteção de seus pares e estabelecer solidariedades entre aqueles que simpatizassem com suas causas, foi bem destacado por Cesar Guazzelli (2013). Este autor apresenta a correspondência de um preposto do governo brasileiro, enviada da capital uruguaia às autoridades imperiais brasileiras, datada do período anterior à eclosão da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, na qual afirmava que “a afiliação de Lavalleja à Maçonaria, já que ainda em 1832 entrara ‘em huma [sic] sociedade secreta do Rio Grande [do Sul], com o fim de adquirir partidários’” (GUAZZELLI, 2013, p. 65).

No período da Revolução Federalista, nas memórias do médico federalista e maçom<sup>18</sup> Angelo Dourado (1992), é possível perceber em diversos momentos o acolhimento e apoio financeiro que recebeu por parte do governador da província de Corrientes e também maçom, Valentin Virasoro<sup>19</sup>, dentre outros políticos, durante o período em que esteve emigrado na capital daquela província. O fato de ambos terem sido maçons, possivelmente tenha permitido Dourado obter apoio, acessar círculos mais restritos do poder, gozar de certa liberdade para divulgar livremente suas ideias, angariar solidariedades à causa federalista e favorecido acesso a recursos que não disporia em situação adversa.

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA Marcelo França de. **A trincheira discursiva: escritos políticos de Angelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – usos e possibilidades para a pesquisa e o ensino de História no Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

<sup>19</sup> HAMILTON, Mariano. **Masones argentinos**. 6ª Ed. Buenos Aires: Planeta, 2019.

A importância da Maçonaria para os personagens que estivessem emigrados, decorre do fato de que esta instituição era um espaço privilegiado para aqueles de chegavam em situações adversas nas localidades em que aportavam. Mesmo sendo um espaço de atuação política, receber os emigrados independia das crenças e filiações políticas (COLUSSI, 2003). Nesse sentido, além de poderem contatar outros exilados e buscar apoio para seus objetivos, também seriam colocados sob à proteção desta ordem, receber ajuda para sobreviver e deslocar-se por essas capitais e demais cidades durante o período que estivessem fora de seu país natal, desfrutar de uma rede de ajuda e proteção.

Esse foi o caso da ação empreendida por emigrados brasileiros de Buenos Aires e Montevideú que, articulados com o Grande Oriente do Uruguai, conseguiram salvar a tripulação brasileira que havia participado da Revolta da Armada e que havia se refugiado no Prata (ABRANCHES, 1955; SANTOS Jr., 2014). Após a libertação da tripulação que estava retida em navios portugueses, foram levados a Montevideú, onde foram recebidos com festividades pela comunidade de emigrados e por grupos que haviam sido nomeados pela Maçonaria uruguaia, que os conduziram à sede do Grande Oriente (ABRANCHES, 1955).

Desse modo, ao migrar para as propriedades rurais ou para as cidades, os emigrados contavam com um extensa e complexa rede de relações familiares, econômicas, militares e políticas a partir da qual mobilizaram recursos e informações, apoio político e solidariedades. Esses aspectos foram favorecidos pela forte presença de propriedades e recursos de brasileiros no prata, ofereceram espaço para que os federalistas empreendessem uma guerra de recursos contra as forças castilhistas no Rio Grande do Sul. Os espaços de sociabilidades urbanos foram importantes locais de convivência e troca de ideias entre emigrados do Cone Sul, nesse sentido a Maçonaria se mostrou importante meio para inserir esses personagens nessas sociedades, protege-los e permitir um ambiente seguro para que pudessem movimentar-se, acessar círculos do poder e divulgar suas ideias.

### **Conclusões**

A migração de federalistas no final do século XIX, nos permite afirmar as permanências de formas de atuação política, de pensar o espaço, a política e a guerra, perceptíveis através do ato de migrar de indivíduos envolvidos nos conflitos que fizeram parte dos processos de construção dos Estados no Cone Sul.

Procuramos demonstrar a existência sincronias de um contexto em que as sociedades do Cone Sul estavam conflagradas em crises políticas e econômicas, e conflitos em torno de projetos de Estado e de poder. Tais embates desencadearam a imigração de grupos políticos e famílias de

argentinos, uruguaios, chilenos e brasileiros para as capitais do Uruguai, Argentina em busca de proteção, mas também para o interior desses países.

O processo de migração para o interior dos países vizinhos e a circulação dos federalistas e personagens de outras nacionalidades pelo espaço regional explicita uma continuidade das solidariedades regionais, já demonstrada pela historiografia para a primeira metade do século XIX, foi favorecida pela presença de brasileiros com propriedades, teias de relações familiares, interesses comerciais e recursos econômicos investidos em diversos departamentos do Uruguai e nas províncias de Entre Rios e Corrientes.

Desse modo, asseveramos a importância das propriedades rurais enquanto pontos de apoio logístico representadas pelas chácaras ou estâncias e das cidades como bases de apoio para as forças federalistas, a zona de fronteira ocupou posição privilegiada nesse processo. Da mesma forma demonstramos a importância dos ambientes urbanos, para onde aportavam federalistas e outros emigrados de diversas nacionalidades se encontravam, onde os espaços de sociabilidades, tais como cafés, restaurantes, hotéis e o pertencimento à Maçonaria, constituíram espaços privilegiados de interação, exposição de ideias, encontros, atuação política e estabelecimento de solidariedades durante o período da Revolução Federalista.

Por fim, a emigração federalista não foi apenas como busca de proteção contra a violência, representava formas de atuação política e resistência por parte dos envolvidos, um recurso empregado por civis e militares que recorriam às armas para reivindicação ou defesa de suas ideias e interesses.

## **Referências**

- ABRANCHES, Dunshee de. 1955. A Revolta da Armada e a Revolução Rio-grandense. Correspondências entre Saldanha da Gama e Silveira Martins. Volumes I e II, Rio de Janeiro, 251 pp.
- AGULHON, Maurice. 2009. El círculo burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848. Edición al cuidado de Pilar González Bernaldo. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 208 pp. ISBN 978-9876290869.
- ALONSO, Paula. 2000. Entre la Revolución y Las Urnas: Los Orígenes de la Unión Cívica Radical y la Política Argentina en Los Años Noventa. Sudamericana; Universidad de San Andrés, 346 pp. ISBN 9500718529.
- ANDRADE, Gustavo. 2021. Fronteira e territorialização: uma cartografia da Revolução Federalista (1891-1896) a partir das redes de relações de poder da família Silva Tavares na região platina. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, 585 pp.

ANDRADE, Gustavo Figueira. 2017. A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 174 pp.

ARGENTINA. 1898. Población Rural y Urbana. Territorio e Provincia de Corrientes – Población fluvial La Cruz. Segundo Censo de la Republica Argentina de 1895. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Taller tipográfico de la penitenciaría nacional. Tomo 85, Folio 1016A-1016B.

ARGENTINA. 1872. Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Corrientes - Americanos, tabla 3. Primeiro Censo de la Republica Argentina de 1869. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, p. 196-197.

ARGENTINA. 1898. Población por Nacionalidades y sexo de la Provincia de Corrientes - Americanos, tabla VIIa. Segundo Censo de la Republica Argentina de 1895. Archivo General de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, Taller Tipografico de la Penitenciaría Nacional, p. 239.

AYROLO, Valentina. 2021. “El punto ciego. El espacio y su representación antes del Estado nacional”. Anuario IEHS, v.36, n.2, p.217-236. ISSN 2524-9339.

BANDIERI, Susana. 2001. La posibilidad operativa de la construcción histórica regional o cómo contribuir a una historia nacional más complejizada. In: FERNANDEZ, Sandra; DALLA CORTE, Gabriela (Comp.). Lugares para la historia espacio, historia regional y historia local em los estudios contemporáneos. Rosario, Argentina, p. 91-117. ISBN 9 950.673.260.4.

BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamin. 1971. Historia Rural del Uruguay Moderno (1886-1894). La crisis económica. Tomo II, Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 753 pp.

BARRÍA TRAVERSO, Diego. 2018. “La reforma constitucional y financiera de Balmaceda durante la crisis política chilena, 1890-1891”. Revista chilena de derecho, vol.45 no.3 Santiago dic., p.571-596. ISSN 0718-3437.

BLUMENTHAL, Edward. 2014. “Revolución, ciudadanía, fronteras: las milicias argentinas en la guerra civil chilena de 1851”. PolHis. Boletín Bibliográfico Electrónico del Programa Buenos Aires de Historia Política, p. 1-18. ISSN 1853-7723.

BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natália. 2009. Esclavitud y Trabajo. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya 1835-1855. Montevideo: Mastergraf, 320 pp. ISBN 9789974397293.

CAETANO, Gerardo (Dir./Coord). 2016. Uruguay: reforma social y democracia de partidos 1880-1930. Tomo II. Montevideo: Planeta, 320 pp. ISBN 978-9974-737-55-6.

CAGGIANI, Ivo. 1996. “Rafael Cabeda: símbolo do federalismo”. Porto Alegre: Martins Livreiro, 178 pp.

CHILE, Período 1833-1891, “Historia Política”. Biblioteca del Congreso Nacional de Chile. Disponible em: [https://www.bcn.cl/historiapolitica/hitos\\_periodo/detalle\\_periodo.html?filtros=1,2,3,4,5,6&per=1833-1891&pagina=4&K=1](https://www.bcn.cl/historiapolitica/hitos_periodo/detalle_periodo.html?filtros=1,2,3,4,5,6&per=1833-1891&pagina=4&K=1) Acesso em: 15/10/2019.

COLUSSI, Eliane L. 2003. A Maçonaria gaúcha no século XIX. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 576 pp. ISBN 85-7515-116-9.

COSTA, Emília Vioti da. 2007. Da Monarquia à república. São Paulo; Fundação Editora Unesp, 524 pp. ISBN 978-8539300327.

COSTA, Marcus Vinícius. 2013. Nação, contrabando e alianças políticas na fronteira oeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX: relações transfronteiriças entre as comunidades de São Francisco de Borja e Santo Tomé. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 285 pp.

DEVOTO, Juan. 1994. Historia de los partidos políticos en Uruguay. Montevideo: Camara dos Representantes, 412 pp.

DJENDEREDJIAN, Julio Cezar. 2003. Producción agrária y sociedade desde Corrientes y Entre Rio a Rio Grande do Sul, fines del siglo XVIII y comiezos del XIX: algunas reflexiones comparativas. In: HEINZ, Flávio; HERRLEIN JR, Ronaldo (Org.). Histórias regionais do Cone-Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 71-102. ISBN 978-8575780503.

DOBKE, Pablo Rodrigues. 2021. O caudilho e a rainha d a fronteira: apontamentos sobre a r elação entre Aparício Saraiva e o município de Bagé durante as revoluções de 1896 e 1904. ANDRADE, Gustavo; PADOIN, Maria Medianeira; ISMÉRIO, Clarisse (Orgs.). História de Bagé: novos olhares. Ponta Grossa: Texto e Contexto, p.456-473. ISBN 978-65-88461-38-9.

ETCHECHURY BARRERA, Mario. 2017. “Aventureros, emigrados y cosmopolitas. Hacia una historia global de las guerras en el Rio de la Plata (1836-1852)”. PolHis, año 10, n. 20, Jul.-dec., p. 21-52. ISSN 1853-7723.

ETCHECHURY BARRERA, Mario. 2019. “De compañeros de armas a “suizos vendidos”. Las alternativas de la emigración político-militar argentina en el Estado Oriental del Uruguay (1838-1846)”. Quinto Sol, v.23, n.1, ene-abr. 2019, p.1-21. ISSN 0329-2665.

FRADKIN Raúl. 2010. Las formas de hacer la guerra en el litoral riolatense. In: BANDIERI, Susana et al. La historia econômica y los procesos de independência en la América hispana. 1ª Ed. Buenos Aires: Promoteo Libros, p. 167-214. ISBN 9789875744158.

GONZÁLEZ BERNALDO, Pilar. 2004. La “sociabilidade” y la historia. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos. In: PANI, E; SALMERÓN, A. (Coord.). Conceptuar lo que se ve. François Xavier Guerra, historiador. Homenaje. México: Instituto Mora. p. 419-460. ISBN 9789706841032.

HERRERA, Mario. 1930. El coronel Blanco de la tradición Radical (1856-1919). Buenos Aires: Talleres Graficos Argentinos. 422pp.

HOBBSAWM, Eric J. 1988. A era dos impérios (1875-1914). Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 588pp. ISBN 978-8577531011.

HOBBSAWM, Eric J. 2015. A era do capital (1848-1875). Tradução de Luciano Costa Neto. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 518 pp. ISBN 978-8577531004.

KOSELLECK, Reinhart. 2006. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ, 402pp. ISBN 978-85-85910-83-9.

KOSELLECK, Reinhart. 2014. Estratos do tempo: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ, 352pp. ISBN 978-8578660994.

LUNA, Félix. Yrigoyen. 2012. 1ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 592 pp. ISBN 978-950-07-3925-2.

MAPOTECA do Museu Dom Diogo de Souza, Bagé, RS. 1920. Mapa dos distritos e propriedades de Bagé Intendência Municipal de Bagé. Diretoria de Obras Públicas de Bagé.

MORAES, María Inés. 2008. La pradera perdida: historia y economía del agro uruguayo : una visión de largo plazo, 1760-1970. Montevideo: Linardi y Risso, 192 pp. ISBN 978-9974-675-12-4.

PALERMO, Eduardo R. 2019. Terra brasiliensis. La región histórica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX, 1850-1900. Porto Alegre: FCM, 390 pp. ISBN 978-85-67542-34-8.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. 2007. 1893: a Revolução além da fronteira. In: GOLIN, T.; BOEIRA, N. (Org.). República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, p. 23-76. ISBN 9788589769358.

RECKZIEGEL, Ana Luisa Setti. 1999. A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904). Passo Fundo: UPF, 295 pp. ISBN 85-86010-65-0.

RÉMOND, René (Org.). 2003. Por uma história política. 2. ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 464pp. ISBN 978-8571081765.

ROSSATO, Monica. 2020. Gaspar Silveira Martins e a Revolução Federalista (1893-1895): que federalismo é esse? Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria.

ROUSTAN, Honoré (Dir.). 1896. Anuário Estadístico da República Oriental do Uruguai de 1895. Dirección de Estadística General. Montevideo: La Nación.

SANTOS JR, João Júlio dos. 2014. O mais esquisito dos espetáculos: a crise do asilo diplomático entre Brasil e Portugal em 1894. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHMIT, Roberto. 2004. Ruina y resurrección en tempos de guerra: sociedade, economia y poder en el Oriente Entre Riano Posrevolucionario, 1810-1852. Buenos Aires: Prometeu Libros, 296pp. ISBN 978-9509217843.

SOLÍS CARNICER, Maria del Mar. 2004. Liderazgo y Política en Corrientes. Juan Ramón Vidal (1883- 1940). Corrientes: Moglia Ediciones, 370pp. ISBN 987-1035-69-1.

SOUZA, Marcelo Lopes. 1995. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, p. 16-47. ISBN 978-8528605457.

TARACENA ARRIOLA, Arturo. 2008. “Propuesta de definición histórica para región. In: Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México”, n. 35, enero-junio 2008, p. 181-204. ISSN 2448-5004.

TAVARES, Francisco da Silva. 2004a. Diário da Revolução Federalista de 1893. CABEDA, Corálio Bragança Pardo; AXT, Gunter; SEELING, Ricardo Vaz. (Org.). Porto Alegre: Procuradoria Geral – Geral de Justiça, Projeto Memória. Tomo I. (Memória Política e Jurídica do Rio Grande do Sul, 3). 221pp. ISBN 85-88802-07-4.

TAVARES, João Nunes da Silva. 2004b. Diário da Revolução Federalista de 1893. CABEDA, Corálio Bragança Pardo; AXT, Gunter; SEELING, Ricardo Vaz. (Org.). Porto Alegre: Procuradoria Geral – Geral de Justiça, Projeto Memória. Tomo II. (Memória Política e Jurídica do Rio Grande do Sul, 3) 336pp. ISBN 85-88802-06-6.

VALENZUELA, Carolina Matos. 2010. Exilio y Asilo en la Argentina durante la Revolución Chilena de 1891. Ecos de la Historia. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani. Año 2 n.1, Abr.-Jun., p. 2-4.

VAN YOUNG, Eric. “Haciendo Historia Regional: Consideraciones metodológicas y teóricas Región e historia en México (1700-1850)”. Anuario del IEHS, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, n.2, 1987, pp 255-281. ISBN 2524-9339.

### **Periódicos**

Jornal El Diario, Buenos Aires, 19 fev. 1893, p. 1.

Jornal El Argentino, Buenos Aires. 05/08/1893, p.1.

Jornal La Razon, Montevideú. 07 out. 1893, p.1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 09 out. 1893 p.1.

Jornal El Argentino, Buenos Aires. 15 dez. 1893, p.1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 23 fev. 1894, p. 1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 23 mar. 1894, p.1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 19 abr. 1894, p. 1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 18 jan. 1895, p.1.

Jornal El Diario, Buenos Aires. 26 jan. 1895, p.1.

Jornal La Razon, Montevideú. 13 nov. 1894, p. 2.